



Editorial

O Mistério que se faz Literatura

Antonio Manzatto

Alex Villas Boas

Os dez anos de existência da Alalite – Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia – foram celebrados com a realização do VI Congresso Internacional de Teologia e Literatura, acontecido em maio do corrente ano em Buenos Aires. O tema do Congresso foi “El amado en el amante: figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, cujos textos principais tornaram-se livro que acaba de ser publicado na Argentina. O leitor poderá ter acesso a crônica do evento no final desta edição. Na esteira daquela temática, presente número de Teoliteraria reflete sobre o

Mistério que se faz literatura, também colocando a atenção na diversidade de maneiras de referir-se a este acontecimento, em figuras, imagens e estilos.

Pensar a contemplação do amor - assim como a do mistério - sob uma única forma de realização é empobrecê-lo. Na vida humana como na literatura, existem múltiplas formas de vivenciar o amor e de a ele se referir, e isso torna ainda mais belo, se é possível, esta experiência humana plena de sentido. Não é preciso dizer que “qualquer maneira de amor vale a pena” para perceber o alcance, o significado e a transformação existencial que a experiência de amor, ou a referência a ela, realiza no ser humano. Não há como defini-lo e suas adjetivações correm sempre o risco de serem redutoras. O amor é sempre mais, sempre mais profundo, e remete à percepção do Absoluto que o texto de João já havia denominado: Deus é Amor.

Em algum sentido e de alguma forma a experiência de amor, por isso mesmo, não se distancia da experiência do Mistério. Não nos referimos apenas ao Sagrado, mas ao Mistério que se percebe sempre além das palavras, das experiências, dos sentidos e das vivências. O Mistério nos ultrapassa, não no sentido de diminuir ou de aniquilar o humano, mas como indicativo de que se pode ir além, ultrapassar barreiras e colocar-se em perspectiva de significação para além do real sensível e penetrar nos recônditos do Absoluto.

Em algumas épocas e em alguns contextos Mistério foi visto como enigma, aquilo que a razão humana, ou sua ciência, não é capaz de compreender, de dar conta ou de explicar. Em religião a palavra é usada, muitas vezes, como economia preguiçosa de compreensão. Diz-se que é mistério que não se pode compreender aquilo sobre o que não se quer pensar ou sobre o que paira a desconfiança de duvidar, exatamente pela dificuldade de compreensão. Assim, por exemplo, com certos dogmas religiosos cuja explicação é bastante complicada para o ser humano comum, como por exemplo a Santíssima Trindade em cristianismo.

Rapidamente se parte para a afirmação de que a Trindade é mistério que não se pode compreender, o que então dispensa o trabalho intelectual de quem afirma no sentido de querer compreender ao que o dogma se refere efetivamente, o que, sem dúvida, deixa margem para todo tipo de fundamentalismo fideísta.

Mistério não quer dizer enigma que não se pode compreender ou explicar, mas sim fonte inesgotável de significação, o que implica em reconhecer que todas as compreensões, explicações e experiências vivenciadas não esgotam a capacidade de o Mistério significar. Ele sempre vai além, nos ultrapassa, abre perspectivas e possibilidades de novidade na percepção do sentido do que significa ser humano no mundo. Ir além não quer dizer tornar-se enigma, mas ultrapassar barreiras de pensamento, de experiências e de conhecimento que projetam o humano para além de si mesmo, para além da história.

O Mistério, no mais das vezes, para ser captado e expresso pelo humano – não de maneira descritiva ou definitiva, mas como referência – se mostra presente em histórias que o mencionam de forma simbólica. Diversas alusões ao Mistério se fazem presentes em narrativas, poemas, em textos sagrados que o testemunham, e por isso dizemos que o Mistério se faz literatura, isto é, suas experiências ou referências a ele aparecem na linguagem humana de forma metafórica, prenhe de sentido e significado. O Mistério nos ultrapassa como ultrapassa também nossa simples linguagem, e por isso mesmo sua percepção se pode dar em figuras, textos e estilos literários que a ele remetem como o oculto que ilumina, o desconhecido que aponta para sentidos de existência humana.

A literatura torna-se, então, mais do que lugar e veículo de afirmação do humano, ambiente em que se pode ultrapassá-lo, de novo, não com sua negação ou diminuição, mas ecoando a amplitude de sua significação. Ela se converte em autêntico locus revelationis do significado do humano enquanto expressão do Mistério que o envolve e o ultrapassa, o define e o qualifica, o percebe e o significa. Na linha, pois, de expressão

e superação do humano, vão os textos que compõem essa edição.

A partir da categoria balthasariana de personalidade total, Michael Moore apresenta Dom Pedro Casaldáliga como “personalidade total da América Latina e analisa sua obra poética, procurando identificar traços de sua concepção cristológica “encarnada” em seu modo de pensar, sentir e viver este continente empobrecido, de onde brotam as figuras de amor feito história, tal qual o Amor se fez carne em sua vida e a carne se fez Reino de Deus para os mais pobres.

Silvia Campana apresenta o ensaio poético da escritora porto-riquenha Luce López Baralt, dialogando a tradição mística cristã com a tradição mística islâmica sufi, desvelando assim um movimento de amor que envolve e transforma em uma chave de leitura antropológica, estética e teologal que introduz no tempo cairológico a partir da hermenêutica ricoeuriana de interpretação e aproximação.

Nessa mesma linha trabalha Estrella Koira a relação entre metáfora nupcial e comunhão selvagem no poeta místico Miguel Ángel Bastos compondo a relação entre unidade com o divino pelos assédios artísticos ao mistério e as imagens carregadas de significações de compromisso com o humano.

Mariano Carou aborda a questão da sensibilidade pelo viés da liturgia a partir da mistagogia de Proust procurando desentranhar a dimensão do tempo nostálgico, de onde emergem os ritos a fim de não se esquecer dos gestos do amor passado, vivências afetivas que se convertem em verdadeiros memoriais.

Valeria Nougués enfatiza na obra artística de Fr. Guillermo Butler, op como a emoção estética se constitui como ponto de partida da criação artística, de modo que a comunicação da presença do amado no amante que se expressa na arte se origina em um coração apaixonado. Deste modo na obra de Fr. Butler, a arte é a exteriorização do amor suscitado no encontro com a Beleza superior, para o frei dominicano,

Deus e a beleza do Amor.

John Henry Newman é contemplado no trabalho de Mauricio Albornoz dentro do gênero homilético presente em seus *Sermões Paroquiais* (1824-1843) que apresenta o vínculo *logos-amor* e a necessidade da experiência do amor para que o *logos* próprio do discurso teológico seja significativo, revelando assim na antropologia newmaniana a tensão entre o ato de fé e o ato de amor, como categoria fundante.

Para essa edição temática contamos ainda com a presença da literatura russa e como a sensibilidade religiosa e a cosmovisão literária se entrelaçam em imagens, figuras e estilos que tratam da questão do amor como lugar de revelação, como ato criador e como ato redentor. Marisa Mosto se dedica a explorar a experiência do amor como lugar de revelação dialogando entre Fiodor Dostoievski a partir dos personagens Mishkin (O Iditoa) e Trofmovich (Demônios) e o teólogo russo Pavel Florenski, em sua compreensão do Amor como fundamento da Verdade. Marcos Jasminoy propõe uma leitura do personagem Alíóscha dos *Irmãos Karamazov* à luz do pensamento do filósofo judeu Franz Rosenzweig (1886-1929) em três categorias reveladas que simbolizam três experiências concretas na existencia humana, a saber a Criação, a Revelação e a Redenção. Por fim, para encerrar o círculo ruso, Nicolas Berdiaev e seu universo religioso, expressão de autêntica tradição russa, são enfocados no texto de Ramon Maia através de uma tríplice perspectiva: escatologia, literatura e profecia. A consciência crítica do mundo aparece quando se apontam seus limites e quando se propõe sua transformação em algo que ele não é, mas que pode vir a ser. Afinal, o mundo não se encontra terminado, completo, ainda há o que fazer em uma colaboração criadora com Deus. Neste sentido, a escatologia é engajadora porque não é apenas uma expectativa passiva, mas compromisso de transformação do mundo, no modelo do poeta e do profeta que lutam contra este mundo e seus limites para propor um outro mundo possível, em que um novo homem e um novo cosmos serão enfim revelados.

Na seção de temas livres Jean Felipe de Assis faz um exercício de recepção literária da Teologia da Cruz a partir do texto da tradição paulina 1 Cor 2, 1-16 e como em determinada tradição se enfatiza a fraqueza apostólica e para outro a fornece autoridade e prestígio, revelando assim uma polifonia com categorias ambivalentes, exigindo um profundo diálogo entre metodologias literárias e hermenêuticas teológicas.

Narrativa, significado e existência compõem o referencial do texto que Lídia Maria Nazaré Alves e Leonardo Gomes de Souza apresentam perguntando-se pelas formas de compreensão e atualização do sentido do seguimento de Jesus Cristo. A linguagem religiosa, sobretudo a que se apresenta em forma de narrativa, não constitui apenas memória de um acontecimento, mas proposta de interação com a vida do leitor, donde a pertinência da pergunta sobre o discipulado cristão contemporâneo, que se afirma possível em uma travessia existencial e discursiva que supere a compreensão catequética tradicional para desabrochar em uma catequese querigmática.

O universo sertanejo de Guimarães Rosa reaparece de alguma forma no texto de Welder Lancieri Marchini analisando o conto “A terceira margem do rio” e o relacionando com as teorias antropológicas dos ritos de iniciação, sobretudo amparado na literatura de Van Gennep. Em seu pensamento, a literatura é capaz de retratar os limites da existência humana e pode ajudar a entender a passagem – iniciação – daqueles que buscam viver a vida ultrapassando os pequenos significados do cotidiano para poderem vislumbrar o que pode ser maior. Afinal, ultrapassar o óbvio é, de alguma forma, perscrutar o mistério da existência humana.

Robson Rafael Nascimento retoma o ambiente medieval e sua pregação por virtudes a partir de Raimundo Lúlio e, depois, em eco encontrado em Camões. O ideal de cavalaria, próprio do ambiente medieval e que supunha um mundo de referenciais religiosos, aparece em O Livro da Ordem da Cavalaria, de Lúlio, propondo o ideal de um guerreiro ideal. Em sua obra, Camões faz transparecer um eco daquela

convicção quando apresenta a expansão do império português como consequência das virtudes praticadas pelos marinheiros e outros heróis lusitanos, com ares de heróis míticos.

Por fim, a nota bibliográfica elaborada por Maria Alves, Dimas Macedo, Renato Alves e Rodrigo Antonio Silva sobre o texto *Linguagens sobre Jesus*, de João Batista Libânio, remete à reflexão sobre o Mistério e as diversas formas de abordá-lo, mesmo em teologia, com diversas linguagens possíveis de se referirem ao Cristo.

O leitor desta edição poderá degustar como o Amor se faz conhecer em duas culturas tão distantes quanto ricas, como é a América Latina e Rússia, e na mesma proporção que se particularizam também se universalizam dada a profunda humanidade que tocam. O diálogo entre as diferenças, não raro se encontram nessa profundidade que a literatura é capaz de desvelar em suas diversas imagens, figuras e estilos.

A contribuição dos autores desta edição apresentam um verdadeiro mosaico do Mistério que se entrelaça com a vida e é tecido nas letras, da vida que se faz texto com densidade de sentido e expressa na criatividade literária o fenômeno humano de ser capaz de transcendência, especialmente na experiência do Amor, como presença do amado no amante, e do amante que habita o amado, relação fontal e fundante de ressignificação da vida, da cultura e da sociedade, ecoando no universal humano que acontece no particular da existência, enriquecida por suas diversas culturas.

Seja bem-vindo
Bienvenido
Welcome
Dobro Pozhalovat'